

Apresentação – nº 70 | Estudos Literários 2025

Arquivos, bibliotecas, comunidades: a literatura e outros discursos sociais nas últimas décadas

Uma das linhas de força da literatura produzida durante as últimas décadas se caracteriza pelo diálogo e o entrecruzamento com outros discursos e linguagens, traço que habilita a revisão criativa e crítica de bibliotecas e arquivos. Por meio dessas operações, escritoras e escritores evidenciam afiliações, configuram linhagens e convocam comunidades – cientes de seu caráter transitório e aberto –, ao passo que redefinem as características e os contornos do literário, reformulando problemas de sentido e de valor.

O nº 70 dos *Cadernos do IL*, dedicado aos Estudos Literários, se propôs a reunir ensaios que indagassem sobre esse conjunto de questões de diferentes perspectivas e em função da exploração de diversos objetos textuais e/ou práticas culturais. O caráter abrangente da convocatória favoreceu uma pluralidade de olhares que o leitor poderá percorrer em várias direções e dispor em múltiplas constelações, através dos dezoito artigos que integram a presente edição. Neles, a escavação, a desclassificação e a reorganização de materiais documentais dispostos em novas montagens ou reimaginados em algumas ficções do presente, a incorporação de registros imagéticos e sonoros ao texto literário ou a exploração da dimensão performática constitutiva de muitas das manifestações culturais contemporâneas, assim como das experimentações intermediáticas ou das redes de produção e circulação associadas à cultura digital, tornam-se objeto de investigação.

Um primeiro vetor que percorre um número significativo de artigos vincula-se às interações – e tensões – instauradas por textos que, na sua configuração, articulam documentos de diferente teor. Ecoando as palavras de Luciene Azevedo, em um dos artigos deste dossiê, nessa exploração que a literatura atual realiza do documento, “a manipulação do arquivo implica uma cisão entre a associação moderna entre a ficção, a literatura e o romance e abre um campo de possibilidades estéticas a partir do uso de entrevistas, imagens,

materiais retirados de jornais, avançando sobre os métodos do jornalismo, mas também das ciências sociais e, por tabela, da história”. Essa expansão da literatura comparece na leitura de *Guerra I. Ofensiva paraguaia e reação aliada. Novembro de 1864 a março de 1866* (2024) e dos efeitos de sentido produzidos pela “exposição ‘limpa’ do arquivo” que singulariza o texto – um livro que Beatriz Bracher persevera em denominar romance, a despeito de se configurar como uma “ficção sem ficção”. A deriva experimental da escrita apresenta-se também nos prontuários, fotografias, relatórios administrativos, relatos e entrevistas relativos ao Hospital Colônia de Barbacena, com os quais Daniela Arbex compôs *Holocausto brasileiro* (2014), livro posto em diálogo com a reflexão de Primo Levi sobre o conceito de *Lager*, a fim de propiciar um intercâmbio conceitual sobre mecanismos de exclusão, despersonalização e banalização do sofrimento. Nessa linha de sentido, outro dos artigos aborda a exploração de materiais documentais de diversa índole associados aos nomes canônicos de Juan Rulfo e de Rodolfo Walsh, revisitados várias décadas mais tarde por Cristina Rivera Garza em *Había mucha neblina o humo o no sé qué* (2016) e por María Moreno em *Oración, carta a Vicki y otras elegías políticas* (2018), cujas “escrituras colindantes” voltam-se para a desmontagem de gêneros textuais e sexogenéricos. Não menos instigante é a análise dos modos particulares de apropriação de arquivos forenses presente em *2666* (2004), de Roberto Bolaño, e *El material humano* (2009), de Rodrigo Rey Rosa. Apropriação de arquivo que ganha particular presença na inclusão do relatório do caso Gregson *versus* Gilber (1781), relativo ao processo movido pelos administradores do navio negreiro Zong visando ao ressarcimento pelas “perdas” da travessia – único documento existente sobre o massacre de cento e cinquenta pessoas escravizadas, resgatado pela antilhana-canadense M. NourbeSe Philip na “obra coral” intitulada *Zong! As told to the author by Setaey Adamu Boateng* (2008). Esse gesto de escrita emerge ainda nos papéis de família, as fotografias, os anúncios de jornais, os documentos cartoriais, o mapa do antigo centro do Rio e os fragmentos de cadernetas e diários pessoais colecionados pela multiartista Aline Motta, reinscritos em novas redes associativas em seu livro-poema *A água é uma máquina do tempo* (2022), assim como em sua tradução intermediática.

A menção a meios que extravasam o registro do escrito remete a outro dos

vetores que perpassa vários artigos, nos quais a imagem fotográfica ou videográfica, o desenho, o corpo, a voz, a gestualidade, a reciclagem de acervos pessoais de diversa índole constituem aspectos nodais das análises. As versões em vídeo do texto-poema de Aline Motta e de *Odisseia Vácuo* (2017) de Renato Negrão, ou do poema *Herói tombado* (2014) da multiartista Roberta Estrela D’Alva; os diferentes usos do arquivo fotográfico de Annie Ernaux em seus livros *L’Usage de la photo* (2005) e *Les Années* (2008), ou os materiais mobilizados por Sophie Calle na exposição *À toi de faire, ma mignonne* (2023-2024), realizada no Museu Picasso – uma variedade que compreende desenhos feitos pela artista quando criança, fotos de quadros de Picasso que permaneceram cobertos durante a pandemia da Covid, écfrases de curadores e descrições feitas por trabalhadores do museu de quadros de Picasso outrora ali expostos, um inventário dos projetos realizados pela própria Calle em diálogo com o catálogo de seus projetos inacabados, entre outros –, são analisados em vários dos artigos enquanto práticas e objetos que alargam e interpelam o espaço do literário.

A enumeração feita até aqui não esgota a diversidade de aproximações ensaiadas nos artigos desta edição dos *Cadernos do IL*. Por vezes, o olhar crítico se volta para a análise de vastas configurações discursivas que permeiam nosso horizonte histórico. É o caso do artigo que aborda os “discursos do fim”, com o intuito de indagar sobre os modos em que algumas narrativas hispano-americanas – *Distancia de rescate* (2014), *Cometierra* (2019), *The Lost Children Archive* (2019), *Tejer la oscuridad* (2021), *Las niñas del naranjel* (2023) – dialogam com essas perspectivas de falência e esgotamento históricos, executando um duplo movimento: por um lado, acionar múltiplos arquivos vinculados a esses discursos, convidando ao exercício de uma leitura sintomática; por outro, interrogá-los com extrema liberdade, problematizando sua própria potência alegórica, amparando-se da ficção imaginativa, como sugere o autor, Wanderlan Alves. Em outros casos, a leitura circunscreve um corpus mais delimitado, embora de projeções não menos significativas, como ocorre no artigo que examina a reinscrição dos fantasmas da ditadura argentina e suas permanências em “Bajo el agua negra” (2016), conto filiado à literatura de horror e do gótico, de autoria de Mariana Enríquez. Na mesma linha de indagação discursiva são abordadas as modulações dos temas da afrodescendência, da

identidade da mulher negra e da presença de vozes ancestrais em três poemas de Conceição Evaristo originalmente publicados nos *Cadernos Negros* (1990); assim como o papel das memórias do trabalhador agrícola alentejano João Domingos Serra na composição do romance *Levantado do chão* (1980), de José Saramago. Outras configurações discursivas que expandem o literário são abordadas em mais dois artigos que se debruçam sobre produções de escritoras argentinas. Um deles lida com os desdobramentos provocados pelo reencontro com um documento íntimo, que conduz a um só tempo à leitura/escrita de uma relação amorosa e à revisitação crítica de uma geração literária em *El libro de Tamar* (2018), de Tamara Kamenszain; o outro resgata crônicas de Alfonsina Storni ainda não compiladas e as examina à luz das possibilidades interpretativas abertas pela leitura dos trânsitos entre poesia e prosa na escrita dessa “mulher futura” reconfigurada pela crítica das últimas décadas.

Há, por fim, textos que assumem a tarefa de descrever arquivos ou bibliotecas com o propósito de refletir sobre suas configurações, fluxos, ausências, como se pode constatar no artigo referido aos arquivos de Literatura Digital que, em função da terminologia adotada nos mesmos, examina criticamente as conexões entre instituições e agentes desse polissistema na periferia do tecnocapitalismo global. É também o caso do artigo que examina o silenciamento do tema da morte nos acervos de bibliotecas escolares constituídos pelo PNLD Literário; assim como o que empreende uma revisão da produção acadêmica acerca de *O som do rugido da onça* (2021), romance de Micheline Verunschik, no intuito de elucidar padrões interpretativos recorrentes e de apontar novos possíveis caminhos de estudo.

Ao longo dos dezoito artigos emerge um conjunto de expressões afins: ficção sem ficção, escrever sem escrever, texto container, escrituras colindantes, texto coral ou plurivocal, plurivozes ancestrais, literatura no campo expandido ou arte não específica, objetos verbais não identificados, ficções informais, novela da poesia. Elas evidenciam a liminaridade e o deslizamento constante entre formas, discursos, procedimentos e linguagens, que singularizam os textos e as práticas abordados neste número dos *Cadernos do IL*, assim como as lacunas, obliterações e apagamentos que, na sua potência crítica, eles tornam legíveis.

Por isso, as editoras deste número convidam os leitores a se debruçar sobre

os artigos que compõem o dossiê.

Miriam V. Gárate
Ana Cecilia Olmos